

Durante o discurso do Sr. Damião Feliciano, o Sr. Dr. Ubiali, § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Arlindo Chinaglia, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Arlindo Chinaglia) – No dia 21 de abril de 1998, falecia o então Deputado Luis Eduardo Magalhães, que presidiu esta Casa nos anos de 1995 e 1996 e, naquela data, exercia a função de Líder do Governo Fernando Henrique Cardoso.

Neste momento, então, prestaremos uma homenagem ao ex-Presidente da Câmara dos Deputados Luis Eduardo Magalhães, por sugestão do nobre Deputado Miro Teixeira, visto que hoje, no Estado da Bahia, está havendo uma homenagem organizada por seus familiares, amigos e correligionários.

Tratando-se de um ex-Presidente da Câmara dos Deputados, nós não poderíamos deixar de registrar esta data e este momento.

O SR. PRESIDENTE (Arlindo Chinaglia) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Miro Teixeira, que fez a sugestão para esta breve e merecida homenagem.

O SR. MIRO TEIXEIRA (Bloco/PDT-RJ. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, há 10 anos, todos nós sofremos o impacto da notícia da morte de Luis Eduardo Magalhães, um Deputado que chegou a esta Casa ainda jovem, filho de Antonio Carlos Magalhães. Ao ser apresentado a um e a outro, era o filho do Antonio Carlos Magalhães. Chegou aqui pelo prestígio da família, pela expressão política do pai.

Os dias foram se passando, as semanas foram tomando o ano e, de repente, viu-se que havia algo mais naquela pessoa: talento, luz própria, o olhar da política pelos objetivos da vida pública. Diziam alguns: *“Bom, são as facilidades da vida, são as classes dominantes também dentro do Parlamento”*.

Aí chegam o Governo Collor de Mello e seus desmandos, que resultam no *impeachment* do Presidente da República. Seu aliado de primeira hora era Luis Eduardo Magalhães. Naquele momento, muitos aliados de primeira hora, ou de última hora, por força das benesses de Governo, saíram correndo de perto do Presidente Collor de Mello.

Pois naquele 29 de dezembro de 1992, Luis Eduardo assoma àquela tribuna, sob apupos, vaias, assume a palavra, para falar em defesa de Collor de Mello, uma causa perdida, absolutamente perdida.

Mas ali ele comparece como advogado da causa, como fez o advogado de Maria Antonieta, na Revolução Francesa. Ela estava condenada antes da hora. Os revolucionários chamaram o advogado e disseram: *“Olha lá, ela está condenada. Veja lá o que vai acontecer*

com você também”. O advogado disse: *“Olha, a partir do momento em que eu me tornei advogado dessa causa, se for necessário, eu morro com ela”*.

Assim fez Luis Eduardo Magalhães: causa perdida, advertido por muita gente, foi até o último minuto. Subiu derrotado, perdeu a causa e saiu do episódio vitorioso, pela integridade com que se conduziu.

Não era um bom momento para aquelas elites que se reuniam no Governo Collor. Aí começa outra trajetória do Luis Eduardo. Afinal de contas, primeiro, era o filho do Antonio Carlos Magalhães, o representante das oligarquias; depois se projetava, porque aqueles políticas que mandavam mesmo no Brasil caíram, a começar pelo Presidente da República. E ele se afirma ainda mais no mundo político.

Então, é preciso refletir para entender um pouco o que se passou naquela época. Para não ficarmos apenas nas homenagens e nas palavras, que podem se perder como mais um momento desses que acontecem neste plenário, busquemos também alguma luz para entender o que se passa hoje e para tentar desenhar como o amanhã pode ser melhor.

Na época, as discussões eram nacionais. As lideranças que se projetavam eram lideranças nacionais. Os temas do dia-a-dia eram atinentes à nacionalidade. Nós que hoje estamos no Governo Lula éramos aqueles que estavam nas campanhas das diretas, da anistia e do *impeachment*. Nós éramos a Oposição.

À medida que vamos falando vamos nos lembrando de alguns fatos da história. Ainda há pouco citei a Revolução Francesa. Agora recuo um pouco mais. Mas não se alarmem, não seguirei nessa linha por muito tempo.

Em *Júlio César*, Shakespeare fala das reclamações do imperador de que só colocavam à sua volta assistentes magros, de olhos grandes, cabelos rebeldes, fartos e pretos. Éramos nós! Éramos nós, à época da Oposição, quando se lê aquela inquietação que Shakespeare reproduz em seu famoso texto baseado na vida, paixão e morte do imperador romano.

Mas nós nos encontramos, Deputado José Genóino, ali, irrequietos. E assim era Luis Eduardo também. Nós de um lado, ele do outro, sempre conversando. E nos encontramos em alguns momentos no mesmo caminho. Assim nos encontramos na mudança, quando saímos da campanha das diretas para apoiar Tancredo e interromper o ciclo militar, a sucessão de generais na Presidência da República.

Estivemos distantes na época da reforma patrimonial; estivemos contra a modelagem das privatizações, nós que éramos da Oposição; estivemos contra a reeleição de Fernando Henrique, e Luis Eduardo, a favor. E não éramos contra a reeleição de Fernando

Henrique por conta da figura do Fernando Henrique, mas pelo princípio da reeleição aplicado ao mesmo Presidente.

Mas por que, com todos esses altos e baixos, essas idas e vindas da política, Luis Eduardo Magalhães é um nome recorrente nas nossas conversas? Hoje nós estamos aqui lembrando juntos, o que é raro termos condições de fazer, uma personalidade recorrente em todas as conversas, como são Tancredo Neves, Mário Covas, Ulysses Guimarães; uns mais, outros menos.

Será que é porque ele morreu fora de hora, aos quarenta e poucos anos de idade, moço? Surpreendeu todos aquela morte, tocou todos nós. Será por isso? A mitologia é repleta desse tipo de coisa. Todo vulto mitológico ou tem origem misteriosa ou tem morte trágica. É sempre assim: surgiu num cesto boiando num rio ou morreu e foi esquartejado. Bom, a mitologia traz essas coisas até hoje. Será que nós temos também o impacto da morte surpreendente? Não é só isso. Eu acho que nós estamos diante de algo mais, estamos diante de uma personalidade que marcou a nossa geração.

Agora, é preciso que se analise o homem com o seu tempo. Não sei se hoje Luis Eduardo estaria na mesma posição. Talvez ele estivesse ali, na tribuna, fazendo oposição radical, como nós fazíamos na nossa época.

Concedo um aparte ao Deputado José Genoíno, que foi protagonista da mesma época.

O Sr. José Genoíno – Deputado Miro Teixeira, eu acho que é adequado pedir o aparte a V.Exa., em vez de me inscrever e falar como representante do meu partido. Eu acho que é correto pedir um aparte a V.Exa., em primeiro lugar porque convivemos juntos com Luis Eduardo. A lembrança de Luis Eduardo – V.Exa. tem razão -, do significado político da sua trajetória como Deputado Federal, não foi a tragédia que trouxe. Isso se deu porque ele construiu, como líder, como Deputado, como Presidente da Câmara, uma relação política, que é fundamental resgatar neste momento: uma relação política de transparência de lados; uma relação política que não misturava amizade com disputa política, nem disputa política com amizade; uma relação política em que a Câmara dos Deputados, o Congresso Nacional representava para ele algo encantador. Ele vivia a política com um nível de amor, de dedicação e de encantamento que nós nos surpreendíamos no dia-a-dia em que convivíamos com ele, seja nas questões de ordem – e fiz muitas -, seja no exercício da Liderança da minha bancada, como minoria, seja nos encaminhamentos das reformas. Mas, sempre, é bom deixar claro, nos momentos mais tensos de disputa nesta Casa, depois da disputa, ele nos chamava para sair, e nós dialogávamos de maneira franca, sem nenhum

tipo de remorso, ressentimento, revanchismo ou vingança, porque ele tinha maturidade. Eu quero deixar isso claro, porque nós convivemos anos e anos numa relação política em que – é importante destacar isto na figura do Luis Eduardo – a política era encantadora, era uma ação humana, libertária, era uma construção própria enquanto esfera de influência. A política não era uma guerra, não era um ajuste de contas, não era algo perverso. A política era algo que possibilitava idéias, liberdade e relações humanas. E convivemos nessas relações humanas saudáveis, em que a amizade era sincera, transparente e franca. Eu acho que essa é a relação que construímos com ele, de lealdade, de transparência, de sinceridade e de disputa de idéias, até porque, comumente, ele dizia: *“Hoje nós vamos fazer disputa de idéias”*. E fazíamos. Nunca fizemos disputas pessoais, eram sempre de idéias. Ele tinha essa característica. Eu quero me associar, Presidente Arlindo Chinaglia, a esse seu gesto, como Presidente da Câmara, de prestar uma homenagem ao ex-Presidente da Câmara e saudoso Luis Eduardo Magalhães, uma figura acima das disputas entre partidos que deixou uma marca que é fundamental resgatarmos nesta tarde.

O SR. MIRO TEIXEIRA – A Deputada Jusmari Oliveira tem um aparte.

A Sra. Jusmari Oliveira – Deputado Miro Teixeira...

O SR. PRESIDENTE (Arlindo Chinaglia) – Deputada Jusmari Oliveira, os inscritos para o Grande Expediente estão todos aqui. Nós combinamos que haveria um tempo máximo para a homenagem. Então, peço a V.Exa. e ao Deputado Paes Landim, que será o próximo, e também ao Deputado Miro Teixeira, que sejamos concisos, sem perder o objetivo de cada fala.

A Sra. Jusmari Oliveira – Sr. Presidente, tentaremos fazer com brevidade o que deveremos fazer pela eternidade: homenagens ao Deputado Luis Eduardo Magalhães. Também quero me unir ao Deputado Miro Teixeira, que destaca a importância de relembrar Luis Eduardo Magalhães, e a V.Exas., Deputados Federais que conviveram com ele nesta Casa, como disse o Deputado José Genoíno, vendo a forma de o companheiro fazer política, independentemente de sua posição partidária, mas, sim, defendendo aquilo que acreditava para um Brasil grandioso, para um Brasil melhor. Na Bahia, nós o tivemos como líder em nossa base de atuação e de militância política. Defendemos com ele os ideais de uma Bahia cada vez melhor e mais desenvolvida. Pedi o aparte porque este momento é histórico. Quero reconhecer a lealdade e a amizade que o Deputado Miro Teixeira demonstra hoje desta tribuna. Aliás, poucas pessoas a testemunharam como

eu. Tive, na condição de Deputada Estadual, a oportunidade de, juntamente com o Senador Antonio Carlos Magalhães e o então Governador César Borges, fazer uma homenagem a Luis Eduardo que se perpetuará. Se não é uma das maiores, para mim, é a maior: criamos um município com o nome Luis Eduardo Magalhães, município esse que cresce, desponta e brilha tanto como aquele que lhe emprestou o nome. Na oportunidade em que passávamos pelo processo de criação do município, o PDT, Diretório de Barreiras, município-mãe de Luis Eduardo Magalhães, moveu ação contra a emancipação daquele município. Recorremos àquele que sabíamos que era leal, amigo e companheiro de algumas lutas do Deputado Luis Eduardo Magalhães, o Deputado Miro Teixeira. S.Exa., como Presidente do PDT, descredenciou o PDT de Barreiras, porque não tinha dado conhecimento dessa ação ao PDT nacional. Lembro-me como hoje que o Deputado Miro Teixeira disse: *“Numa homenagem a Luis Eduardo Magalhães só posso somar nunca subtrair. O PDT nacional não subscreverá essa ação”*. Hoje o município está lá. Leva o nome, com muito orgulho, de Luis Eduardo Magalhães. É o município que mais cresce no País e mais desponta economicamente. Assim como o Deputado brilhou, brilha o município. Parabéns a V.Exa., Deputado Miro Teixeira. V.Exa. faz parte da história de Luis Eduardo: homem, Deputado e município.

O SR. MIRO TEIXEIRA – Obrigado.

Presidente Arlindo, veja em que encrenca o tempo nos coloca. Se pudesse ouvir os 2 companheiros, eu abreviaria o encerramento da minha fala para que os 2 pudessem me apartear.

Ouçó o aparte do Deputado Veloso.

O Sr. Veloso – Serei rápido, Deputado Miro Teixeira. Quero dizer que hoje V.Exa. me emociona, assim como me emocionei há 10 anos, com o falecimento prematuro de Luis Eduardo Magalhães. Sou baiano, mas não convivi com o jovem Luis Eduardo Magalhães. Sei que até hoje, Deputado Miro Teixeira, o povo soteropolitano, e não só aqueles que nasceram em Salvador, mas também o povo de toda a Bahia, sente saudades e chora por Luis Eduardo Magalhães. Nós sentimos saudades e a falta desse jovem que se foi prematuramente. Muito obrigado.

O SR. MIRO TEIXEIRA – Ouçó, com prazer, o aparte do nobre Deputado Paes Landim.

O Sr. Paes Landim – Meu caro Deputado Miro Teixeira, primeiramente quero me congratular com o Presidente Arlindo Chinaglia pelo gesto de grandeza de homenagear a memória de um jovem ex-Presidente desta Casa. Eu conheci Luis Eduardo aqui, na Constituinte. Fomos colegas de Constituinte. E o conheci antes de conhecer seu pai. Por meio dele vim, posteriormente, a

conhecer seu pai, o então Ministro das Comunicações Antonio Carlos Magalhães. Teve o exemplo dessa parte importante da biografia de seu pai, que desempenhou papel relevante na quebra do sistema autoritário ao se declarar ao lado de Tancredo Neves, desde o primeiro momento, na luta pela sucessão presidencial no País. E percebi que as nossas afinidades liberais eram muito fortes, em torno da figura de Roberto Campos. Tanto assim que assinamos, a pedido de Roberto – 13 ou 14 Parlamentares – um manifesto que foi lido na Constituinte por ele, Luis Eduardo, no qual falamos da nossa apreensão de que o texto constitucional não correspondesse às aspirações modernas nas quais o mundo se via envolvido naquele instante. Tanto assim que quatrocentas e tantas emendas estão em discussão, projetos de mudança constitucional, além das mais de 50 emendas modificativas do atual texto constitucional já aprovadas. Mas o que me impressionava nele, exatamente, era essa capacidade do respeito ao contrário, ao adversário. Conheço de perto e tenho admiração por José Genoíno, cujo padrão de honestidade esta Casa toda admira. Eu sempre brinco – Desculpe-me a irreverência, Deputado Genoíno -, dizendo que conheço o Deputado Genoíno há 22 anos e o vejo, praticamente, com a mesma roupa nesta Casa; uma ou duas. É exatamente por esse padrão que eu acho o Deputado José Genoíno um homem de vida discreta e modesta que encanta independentemente de diferença ideológica. E pelo Deputado Miro Teixeira tenho a mesma admiração pela combatividade. Aliás, não sei por que o Deputado Miro Teixeira se acomoda no Governo. O Deputado Miro Teixeira nasceu para ser oposição; sua impulsividade é de opositorista. (Risos.) E Luis Eduardo Magalhães tinha exatamente essa afinidade com esses antípodas todos. Podiam estar aqui outros no decorrer da convivência com S.Exa, mas, sobretudo naquele momento de radicalização ideológica, eu sei que a sua admiração por José Genoíno e Miro Teixeira era muito forte. Eu quero aproveitar aqui para, neste momento, também transmitir ao Deputado Miro Teixeira meus parabéns pela maneira com que se houve no seu pronunciamento, e ao Deputado José Genoíno, pelo aparte, que interpretou muito bem esse lado, eu não diria lúdico da política, mas do encantamento, que ele retratou muito bem, revelando a forma com que Luis Eduardo Magalhães pensava a política. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. MIRO TEIXEIRA – Sr. Presidente, não é elegante o que eu vou dizer agora. Espero que não se aplique a V.Exa. e muito menos a mim. Mas um dia, muito remotamente, nós vamos ser vistos como hoje nós vemos Luis Eduardo Magalhães, muito por conta dessa luta que V.Exa. trava para recuperar o prestígio do Congresso Nacional.

Luis Eduardo Magalhães aqui esteve num momento em que o Congresso Nacional tinha grande prestígio. A sucessão de medidas provisórias, especialmente após a alteração do art. 62...

(O microfone é desligado.)

Se V.Exa. me der 2 minutos, eu trarei isso a V.Exa.

Na Constituinte, nós criamos, sim, o mecanismo da medida provisória. Mas era matéria da atribuição do Congresso Nacional, não obstruía a pauta da Câmara dos Deputados e muito menos a do Senado. Havia a falha da reedição.

Por mim, ao recuperá-la como matéria do Congresso Nacional, acabando com a reedição, nós colocaríamos novamente para pulsar este Poder, como pulsava a Câmara dos Deputados.

E, nessas oportunidades, este Presidente aqui dá certo e dá sorte. Porque foi aqui, numa sessão dos 100 anos da Associação Brasileira de Imprensa, que nasceu a idéia de combater, como inconstitucional, a Lei de Imprensa, empreitada vitoriosa no Supremo Tribunal Federal, ainda em sede de liminar concedida, já reconhecida pelo Pleno.

Quem sabe, Presidente, depois de tantos debates, depois de tantas idas e vindas, não possamos encontrar o caminho da Constituinte, que foi muito debatido naquela época e que levou em conta exatamente a necessidade de impedir que se interrompesse o fluxo do debate político na Câmara dos Deputados, não apenas o dos projetos, mas o do debate político. Está faltando debate político. O Poder Legislativo está perdendo a iniciativa do debate político.

Essa preocupação V.Exa. tem representado. Presidente, fale em nosso nome, em nome daqueles que aqui estão e daqueles que aqui estiveram.

Obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Arlindo Chinaglia) – Quero cumprimentar o Deputado Miro Teixeira, porque foi a partir de uma sugestão de S.Exa. aqui em plenário que nós decidimos fazer este, eu diria, parêntese temporal no período do Grande Expediente para que a Câmara pudesse de fato fazer esta breve homenagem ao ex-Presidente da Casa Luis Eduardo Magalhães.

Quero também fazer um breve comentário. Cheguei aqui em 1995, quando Luis Eduardo assumiu a Presidência da Câmara, e cheguei na Oposição. Luis Eduardo tinha um estilo bastante incisivo no exercício da Presidência da Casa, e aquele foi um momento de grandes embates. Entre outros episódios, lembro-me de que foi durante seu período na Presidência que foi aprovada a emenda da reeleição, tese à qual me opus vigorosamente, como restava à nossa bancada do PT fazer à época, e continuo opondo-me.

Luis Eduardo comandou também a votação da reforma da Previdência, em que houve, digamos, momentos de altíssima tensão, com a presença de populares. Houve até Deputado que foi, se não agredido, jogado ao chão por policiais da Câmara. Lembro-me de que o policial, que está até hoje na Câmara, disse-me então que quem mandava aqui eram eles. Os Deputados eram passageiros. Não acredito que ele diria isso novamente agora, mas, de qualquer maneira, esses momentos temperaram o Parlamento. E u, que cheguei a esta Casa sendo 1 entre 513, buscando aprender, vim para cá como todos nós. Ainda que tenhamos trazido cada um a sua história, todos entramos aqui exatamente da mesma forma: pelo voto popular.

Assim como era incisivo na Presidência, assim como tinha essa característica, que estava implícita em várias intervenções, Luis Eduardo não só honrava os acordos, dos quais participava, como Presidente da Câmara dos Deputados, sempre de maneira incisiva, como também não permitia que outros sequer buscassem rompê-los. Lembro-me de que, à época, elegeu-se Presidente da Comissão de Agricultura um Deputado do PT. Houve então uma tentativa de fazer outra votação para se eleger outro Presidente – aqui, o critério para a eleição de Presidente é a proporcionalidade -, e Luis Eduardo imediatamente saiu da Presidência da Câmara para ir até a Comissão. Enfim, são momentos que cada um guarda na memória.

E neste registro que faço, quero ressaltar uma outra característica de Luis Eduardo: sua personalidade. Quando ele morreu, todos nós, como disse o Deputado Miro Teixeira, sentimos um choque, evidentemente, pela sua pouca idade, por tudo aquilo que ainda poderia desempenhar na política. Comentava-se que seria um candidato fortíssimo à Presidência da República, talvez com o apoio de outros partidos que, à época, compunham a base do Governo Fernando Henrique Cardoso. Portanto, ele tinha uma considerável dimensão política, que se traduziu também na Presidência da Câmara dos Deputados, e, depois que saiu da Presidência, na Liderança do Governo. E Luis Eduardo tinha também, no seu desempenho pessoal, um caráter muito humano.

Eu quero também, com muita cautela, dizer que este nosso mundo talvez fosse um pouquinho melhor se determinados aspectos do comportamento humano em Brasília fossem observados. Não falo da população; falo de quem faz política, de nós que acreditamos na política, e que, quero crer, não vemos nada mais nobre do que defender nossas idéias, do que lutar por nossos ideais, sempre calcados nos valores democráticos.

Ontem eu tive a satisfação de ouvir o Ministro Gilmar Mendes, Presidente do Supremo Tribunal Fede-